Redes Sociais e memória: a identidade de Teresina no *Twitter* [1]

Gustavo Fortes SAID[2]
Tabata Michelle Santos MAGALHÃES[3]
Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI

RESUMO

A campanha *Grifes Vivas The* foi lançada no *Twitter* visando relacionar as marcas que identificam Teresina, cidade do nordeste brasileiro. As postagens se multiplicaram interativamente e produziram um contexto de re-elaboração de memórias e identidades. Com base nas técnicas de análise de conteúdo categorial e análise textual, o artigo objetiva relacionar as categorias utilizadas pelos usuários da rede social e discutir o processo de construção de identidades a partir da rememoração e releitura de cenas e acontecimentos da vida individual e coletiva, num jogo mnemônico de matriz fenomenológica.

PALAVRAS-CHAVE: memória; redes sociais; identidade.

Introdução

Em abril de 2011, foi lançada no *Twitter* a campanha *Grifes Vivas The*, que pretendia relacionar na rede social mencionada as marcas identitárias da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, situado no nordeste do Brasil. Em poucos dias, foram postadas mais de nove mil mensagens, que faziam referências a acontecimentos, personagens e cenários relacionados ao cotidiano e à história da cidade. As mensagens postadas se multiplicaram de forma interativa e produziram um contexto de construção de identidades, sociabilidades e memória. Com isso, a *hashtag* #grifesvivasthe foi parar nos *Trendings Topics* (TT´s) Brasil como um dos assuntos mais comentados do país.

---

[1]Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Graduado em Comunicação Social – Jornalismo -, mestre em Comunicação e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006). É professor titular da UFPI e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da UFPI. gsaid@uol.com.br.

[3] Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo - da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da mesma instituição. tabatamagalhaes@gmail.com.

Tudo começou quando o advogado e músico Ostiga Júnior acatou a sugestão de um amigo, criando a *hashtag* #grifesvivasthe, conforme relatado pelo Portal de Notícias Cidade Verde:

> "Saindo do Seu Abraao, o melhor suco de THE since 1957." Depois de ler esta mensagem deixada no Twitter pelo amigo Giovane Matos, o músico e advogado Ostiga Júnior teve uma ideia: listar lugares e pessoas que são grifes vivas de Teresina. A postagem do dia 30 de março iniciou uma discussão que se transformou no assunto mais comentado na rede de microblogs no Brasil.(Cidade Verde, 2011)

De início, Ostiga Júnior propôs aos seus seguidores uma listagem com as "verdadeiras grifes que enriquecem Teresina" (OSTIGA JÚNIOR, 2011) como uma forma de brincadeira para "lembrar de pessoas ainda vivas e lugares em funcionamento" (OSTIGA JÚNIOR apud Cidade Verde, 2011). Entretanto, as postagens ultrapassaram os limites da proposta lançada pelo músico.

A campanha se transformou, inesperadamente, num espaço de construção da memória coletiva, impulsionando pessoas de diferentes classes e contextos sociais a relataram alguma cena ou algum personagem ou a recuperarem alguma lembrança adormecida que pudesse, via interação com outras pessoas na rede social, reconstruir parte de seu passado.

Ostiga Júnior (apud Portal O Dia, 2011) explica o sucesso da sua proposta: "A única explicação que eu tenho para isso é que 'recordar é viver', acho que só está chegando a isso porque é uma manifestação espontânea de cada um que puxa da memória fatos e situações agradáveis." Acrescente-se ao depoimento: fatos e situações agradáveis que podem, inclusive, ajudar a esquecer fatos e situações desagradáveis.

O caráter espontâneo das recordações e lembranças mencionadas nas postagens dos *twitteiros* traduz, por outro lado, a maneira como, nesta rede social, a interação acontece e ao mesmo tempo propicia a rememoração de cenários, fatos e acontecimentos individuais e coletivos. É como se, naquele espaço, pela rememoração interativa, a história de cada um, do grupo e da cidade fosse sendo reinventada. Não por acaso, o título da matéria do portal Cidade Verde (2011) que noticiou o sucesso da campanha era: "*História de Teresina domina Twitter do Brasil: entenda as #grifesvivasthe.*".

Fora dos quadros institucionais de produção da memória e, correlatamente, de construção da história da cidade, cada mensagem postada, gerada num ambiente de

pouquíssimas restrições (talvez a maior delas seja a quantidade de 140 caracteres que podem ser usados em cada *tweet*), lançava luzes sobre um horizonte tão obscurecido: as linhas tortuosas que cruzam os sentidos de passado, presente e futuro. O passado nunca mais é o mesmo depois de ser relembrado. Numa perspectiva socio-construcionista, as interpretações do passado mudam conforme se alternam os tipos de registro.

O *Twitter* se tornou um lugar de memória, de reconstrução da memória, como pensa Pierre Nora (1993). Neste sentido, os registros deixados pelos *twitteiros* na campanha *Grifes Vivas THE* têm uma função social. Eles ajudam a reorganizar o passado, re-configurando a identidade individual e coletiva e redimensionando a dimensão da temporalidade, na qual novos sentidos são produzidos pela relação entre eventos passados e projeções de futuro.

A partir das técnicas de análise de conteúdo categorial e análise textual, o presente artigo objetiva relacionar as categorias temáticas mais utilizadas pelos usuários da rede social para construir a identidade de Teresina e, ainda, discutir o processo de construção dessa identidade a partir da rememoração e releitura de cenas e acontecimentos da vida individual e coletiva, num jogo mnemônico de matriz fenomenológica.

1 Memórias individuais, memória coletiva?

Lembrar não é um ato de isolamento. Conforme Maurice Halbwachs (1990), as lembranças acontecem no interior de um grupo de referência, de forma compartilhada e interativa. Como membros de um ou mais grupos, as pessoas participam, como pensavam os primeiros interacionistas simbólicos, de certos enquadramentos semânticos que as auxiliam a interpretar o mundo à sua volta, seja retrospectiva ou prospectivamente. São as comunidades de afeto, ainda segundo Halbwachs (op. cit.), que produzem sentimentos de pertencimento e de coesão, reforçando o que é comum ao grupo e o que o torna distinguível dos demais. Nesse processo, o que está em jogo é, portanto, a construção da identidade individual e também coletiva. A memória, dentro desse esquema interpretativo, poderia ser considerada uma instância de reprodução da tradição cultural e de produção da identidade.

Na proposta de Halbwachs (op. cit.), a memória é um processo conciliador. Tudo se resolve no indivíduo que pertence a um grupo, ali se relaciona e interage com os demais membros, de forma a recuperar cenas que, outrora esquecidas, vem à tona em função dos relatos que seus pares lhe emprestam ou que, mesmo não fazendo parte do

repertório de acontecimentos vividos pelo indivíduo, podem ser lembradas por ele, com auxílio das narrativas e lembranças de outros membros do grupo. Nos acionamentos da memória, os indivíduos são capazes de recordar também o que não vivenciaram, porque se utilizam das lembranças alheias, que podem emanar de mecanismos de transferência: numa rede de relacionamentos, seja real ou virtual, dois indivíduos em interação podem consentir em lembrar de algo que um terceiro indivíduo, também membro da rede ou até de fora dela, relatou a um deles e que influenciará a maneira como aquela lembrança será construída.

Como se percebe, a análise de Halbwachs, inserida numa matriz sociológica durkheimeana, faz da memória coletiva alguma coisa que já existe *a priori*, em sentido e significado, antes mesmo da apropriação individual. Ninguém nunca lembra sozinho. Se a memória se esvai quando o indivíduo se afasta do grupo, ela retorna quando dele se aproxima. "Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos" (Halbwachs, 1990.).

Ao analisar criticamente a proposta de Halbwachs, Marc Bloch (1998) diz que os fenômenos da memória coletiva dizem respeito a fatos de comunicação entre indivíduos, aludindo para a necessidade da transmissão de representações do passado de uma geração à outra. Assim entendida, a memória passa a estar sujeita a problemas de comunicação, de fidelidade ao sentido que se quer transmitir. Vista dessa forma, a memória coletiva pode cometer enganos, pode falsear dados, cenas e até a própria história.

É válido ressaltar o pensamento de Michael Pollak (1989), o qual se interessa pelos processos e atores que re-configuram a memória, talvez como forma de frisar a ideia de que o passado é lembrado por um sujeito que, a despeito dos inúmeros laços sociais que o constituem e das ancoragens institucionais, também é um intérprete singular do mundo à sua volta. Assim, toda lembrança é condicionada à seletividade da memória individual e coletiva, ainda que os mecanismos de seleção operem distintivamente em cada um dos casos.

Aludindo para o culto à memória como uma das características da vida moderna, Pierre Nora (1993) afirma que a obrigação de lembrar faz de todo homem seu próprio historiador. Para tanto, faz-se uso dos meios de registro, com o objetivo de tornar memorável aquilo que aparente e primariamente só pertence ao indivíduo, num processo de valorização de lembranças pessoais (que o digam as editoras que, hoje, apostam no filão das biografias), de mitificação das narrativas individuais, ou seja, de mitificação do

passado. Sendo assim, o mito individual de cada um seria sua própria história, uma narrativa imune a qualquer julgamento moral ou juízo de valor e despojada de qualquer pretensão de estabelecer uma verdade, a não ser aquela que sirva precária e efemeramente ao indivíduo e aos seus grupos de pertencimento.

> Pela memória, reconstruímos nosso elo com o mundo, com nossa origem, e menos com uma temporalidade. A memória seria matéria menos de uma cronologia e mais de uma cosmogonia (...) Não seria a memória coletiva, enquanto apropriação de um passado nem sempre historicamente linear, também, em muitos casos, uma aderência ao mundo, a um "mito da criação", e menos a uma concepção histórica do tempo? Se lembramos para esquecer, como diz Pollak, não estamos construindo, com a memória coletiva, um passado comum com outros grupos que não aquele ao qual estamos diretamente filiados? (ENNE; TAVARES, 2011, p. 4)

Talvez a ação de registrar e de arquivar explique porque os meios de comunicação se tornaram tão importantes durante a modernidade. São eles que, nos dias atuais, funcionam como *lugares de memória*, espaços privilegiados para arquivamento, compartilhamento e produção da memória em nível coletivo. Nesse sentido, não há como não assinalar, nas sociedades contemporâneas, a intrínseca relação entre os produtos midiáticos e a construção da memória, uma memória que, como deseja Nora (1993), já não é memória espontânea, mas produzida via acionamento de dispositivos técnicos. Nesse processo de registrar e arquivar os acontecimentos, os meios de comunicação enquadram a memória e a reproduzem conforme certos protocolos de linguagem.

Arquivo que não se apaga, registro sempre presente, uma singular característica das redes sociais é o fato de que qualquer indivíduo que delas participe pode dar seu testemunho e ajudar na construção da memória, uma vez que o depoimento arquivado pode ser re-consultado e, assim, ativar as inúmeras memórias individuais que, compartilhadas, podem dar forma à memória coletiva. Cumpre acrescentar, seguindo a proposta de Lévy (1993) que essa memória de arquivo só será coletivizada se for compartilhada. De que adianta ter um grande número de perfis adicionados ao *Facebook*, por exemplo, se não há interação e troca entre os membros dessa rede de relacionamentos? Para que servem os incontáveis seguidores de uma conta do *Twitter*, se não conseguem compartilhar dados e impressões acerca do mundo?

Apenas o número de acessos a um site de relacionamento ou o número de membros cadastrados a uma rede social ou a uma comunidade virtual não garante o compartilhamento de dados e informações e, por conseguinte, a instauração de processos de troca de lembranças que acionarão e atualizarão a memória. A memória é acionada e construída em função de certas necessidades: a veneração de um passado comum e o compartilhamento de padrões de significação que auxiliam na construção identitária. São esses aspectos que garantem a continuidade do grupo ao longo do tempo.

Teria sido a necessidade de venerar o passado e de construir uma narrativa identitária comum o que provocou o grande número de postagens no *Grifes Vivas THE*?

2 A identidade de Teresina nas interações dos Grives Vivas THE

Como a identidade cultural da cidade é construída nas postagens do Grife Vivas THE? Como o passado da capital do Piauí é postulado pelos *twitteiros* que participaram da campanha?

Ao ultrapassar a proposta inicial de apenas relembrar pessoas vivas e lugares em funcionamento da cidade, a quantidade de *tweets* postados durante o #grifesvivasthe mostrou a necessidade dos usuários da rede em construir um senso de pertencimento a Teresina, o que se configurou numa forma de identificação com cenários, personagens e acontecimentos passados.

A partir da análise das postagens, percebe-se que apesar de não haver uma indicação precisa, a maioria dos participantes da campanha pertence à faixa adulta, com mais de 20 anos, como se nota em algumas mensagens:

> _GilJunior
> Acredito eu que quem tem menos de 25 anos deve estar entendendo muito pouco a grande parte das #GrifesVivasTHE que tão rolando por aqui...

A classe média, com acesso particular à internet, também é indicada como sendo maioria. Muitos dos que participaram deixaram claro também a sua empolgação ao sugerir as identificações possíveis e, por conseguinte, construir um senso de pertencimento comum:

> Ostiga

> Rsrs! Quer ver algo engraçado? Faz 40 min. q cheguei em casa e ainda estou no carro, na garagem, puxando por possíveis #grifesvivasthe
>
> pedrocostaPI
> Bom... Saí do trabalho e agora tenho tempo de contribuir c o #grifesvivasthe. Vamos lá!

De certa forma, o interesse em cultuar aspectos da história, pessoais ou coletivos, revela características de Teresina que a tornam singular quando comparada com outras cidades do Brasil. Com 159 anos, a capital do Piauí tem uma história recente de expansão, a qual ocorreu, inclusive, de forma planejada, bem como uma população ainda pequena (804.943 habitantes), se comparada a outras capitais. Esses fatores podem explicar porque lembranças individuais podem, supostamente, fazer parte de um passado comum a vários indivíduos que frequentam os mesmos lugares e participam de uma mesma rede de relacionamento. Contraditoriamente, os poucos lugares de memória institucionalizados, como museus, que ajudam a conservar a memória oficial, indicam a dificuldade dos moradores da cidade de encontrarem elementos comuns que possam subsidiar a construção da identidade. Isso acarreta no desinteresse do teresinense em conhecer e cultuar a sua própria história, mesmo que oficializada. Não é de estranhar que num contexto como esse uma campanha numa rede social virtual atinja em cheio essa lacuna afetiva, produzindo efeitos de reconhecimento grupal para além do esperado.

Pode-se dizer que, com a campanha #grifesvivasthe, houve a necessidade dos usuários de se "sentirem" teresinenses, o que foi facilitado pela comodidade de utilizar uma rede social, sem precisar, por exemplo, buscar informações em livros ou analisar objetos históricos. A motivação gerada pelo aspecto da interação proporcionada pelo *Twitter* facilitou que lembranças e memórias fossem estimuladas, inclusive de forma saudosa:

> rafa24lu
> #grifesvivasthe tá me tirando o sono toda noite! Mas é mt bom relembrar tudoo! Mas agora já vou... espero o que meu sono venha logo. Adios!
>
> jocaoeiras
> @ @Ostiga #grifesvivasthe demonstra o quanto Teresina é sedenta de memória. Grande sacada Ostiga Jr.

Vale ressaltar que a *hashtag* também recebeu críticas negativas devido à frequência com que era citada na rede social e até mesmo na mídia tradicional piauiense, como programas de televisão. O próprio *Twitter* dispõe de uma ferramenta, os *Trending Topics* (TTs), para dar destaque a algum assunto que esteja sendo comentado em tempo real pela *hashtag* (#) e que, por isso, fica em constante alteração. Por ser uma rede de interação, as críticas se multiplicavam na medida em que eram colocadas por algum usuário, numa espécie de contaminação e recorrência das mensagens. Algumas delas revelavam a saturação do assunto, o que, de certa forma, está relacionado ao fato de que algumas postagens podem ter despertado lembranças e emoções desagradáveis em alguns membros da rede:

> debinhaprado
> Ain gente, lindo o #grifesvivasthe tudibom, enalteceu nossas boas lembrancas e tals, mas sim, ja deu neh?! Vira a pagina... novidades cade?
>
> valdetemartins
> @ Vamos mudar mesmo RT @melangedetout #grifesvivasthe Vamos mudar de assunto, pq né? Já deu! Próximo

Entretanto, apesar da rapidez com que as informações são trocadas, ou destacadas, o *twitter* permite que as informações continuem a circular na rede, como uma memória de arquivo. As informações continuam à disposição dos usuários, a menos que o dono do perfil decida limitá-las a determinada rede de seguidores ou apagá-las. Tal aspecto de registro implica numa supressão ou apagamento da noção de tempo no qual o encontro ou o contato entre os sujeitos produtores de memória acontece.

Outra observação válida é que muitas lembranças são feitas por mecanismos de transferência, projeção e identificação, recuperando lembranças de usuários que se encontram fora da rede social, na maioria dos casos, familiares dos participantes, amigos ou membros de um grupo de referência que relataram algum fato que se tornou memorável, num processo similar àquele descrito por Pollak (1992).

Pode-se perceber também que as postagens são feitas recorrendo a terceiros, de forma indireta. Isso se dá a partir do momento em que alguém que não se conecta à rede sugere a um participante a postagem de algum assunto ou tema, como nos casos abaixo:

> #grifesvivasthe *mamãe está cheia de lembranças aqui após ler a matéria no* @cidadeverde. *Vamos a elas*

> DiegoNepomuceno *Diego Germano*
> *Meus pais adoraram o* #grifesvivasthe *e deram várias idéias*

Para facilitar a compreensão dos assuntos recorrentes encontrados durante o Grifes Vivas THE e entender de que forma e com quais propósitos os *twitteiros* se utilizaram da rede social para compartilhar suas memórias, foi feita uma categorização das mensagens postadas. A divisão nas categorias a) *personalidades*, b) *cenas*, c) *cenários*, contudo, não é fixa e nem se esgota, visto que, à medida em que há um compartilhamento da memória, essas categorias podem se entrecruzar e gerar diferentes efeitos de sentido nos diversos usuários da rede. Outras categorias também podem ser relacionadas, mas não foram incluídas no texto por conta do número reduzido de postagens.

Personalidades

A primeira categoria se refere a pessoas ou personagens lembrados pelos participantes do evento comunicativo em análise. Nessa categoria, muitas personalidades são lembradas por afeição ou por marcarem de alguma forma a vida dos participantes, como artistas, professores, políticos e jornalistas. Os artistas são, em sua maioria, personalidades que compõem o cenário musical de Teresina. Além dos usuários citarem nomes de cantores ou bandas, nota-se que muitas personalidades são recordadas por músicas ou bordões que produziram. Nesses casos, as músicas se confundem com seus intérpretes.

> paulolenine
> Maria da Inglaterra.."e o peru rodou, o peru rodou..." #grifesvivasthe
>
> morenadebatom
> Lázaro do Piauí e o seu "Tá no DendÊ la la la la La !" #grifesvivasthe

Vale ressaltar que nos casos citados acima, os dois artistas são representantes da música popular. Maria da Inglaterra é uma cantora e compositora septuagenária e que já foi, inclusive, homenageada num grande evento musical do Piauí (Piauí Pop), com o nome do palco criado para apresentações de grupos regionais. Já Lázaro do Piauí é um músico conhecido nacionalmente e que nas últimas eleições fez *jingles* para campanhas

de vários políticos influentes, como a do candidato a governador do estado de Alagoas, Fernando Collor de Melo.

Na medida em que outros artistas são citados, percebe-se uma separação de estilos musicais entre os participantes, o que pode sugerir que cada um deles pertença a uma "tribo" urbana ou a gerações diferentes, fatos exemplificados pela referência a bandas de rock, forró:

> Teacher_Ana_CI
> Banda Brigitte Bardot e seu freak lagarta #grifesvivasthe
>
> mari_goncalves
> Xenhenhém - a esclepcência do forró #grifesvivasthe

Muitos profissionais dos meios de comunicação foram também lembrados durante a campanha. O apresentador de televisão Mariano Marques é lembrado, por exemplo, pela maneira peculiar de se portar frente às câmeras. Já outros, como o radialista Carlos Said, pelos apelidos que os tornaram conhecidos na mídia. Há ainda outras personalidades, como o jornalista Efrém Ribeiro, que é citado em razão do seu modo de se dirigir a um entrevistado.

> julioalvesn
> Mariano olha pra uma gata e diz: E ainda tem gente que não gosta! kk, #grifesvivasthe
>
> alrufino
> Nosso ilustre Magro de aço, Carlos Said #grifesvivasthe
>
> jornalistadavid
> "Doutor..." dito por Efrém Ribeiro #grifesvivasthe

Outro sinal de que a mídia participa da produção da memória contemporânea é quando personagens surgidos em peças de publicidade televisiva são rememorados pelos participantes da campanha #grifesvivasthe. Nesse caso, as marcas das empresas são associadas aos personagens:

> netocrysalis
> Quem nao lembra da Zumira da Jelta? #grifesvivasthe

Porém, não é somente através do intermédio da mídia que os personagens são lembrados. Ainda que Thanis Kilian já tenha aparecido algumas vezes na mídia ou tenha sido objeto de um documentário feito por piauienses, esse personagem teresinense

é bastante lembrado pelo modo peculiar de se aproximar das pessoas, ou, como citado pelos *twitteiros*, "*ser abordado pelo Thanis*". O nome dessa figura teresinense foi retuitado diversas vezes durante a campanha, uma indicação de que as experiências individuais, quando em interação, produzem uma memória coletiva.

> vanessadamaris
> hahahaha Quem nunca foi abordado pelo Thanis, SÓ TERESINA TODA!! RT @deliosantana Ser abordado pelo Thanis #grifesvivasthe

A partir dos comentários acima, percebe-se que Thannis Killian é pouco midiatizado, mas valorizado por ser um personagem de rua. Além disso, é personagem que se produz no espaço físico, real, e que faz desse seu lugar de interação. Os usuários mostram, assim, uma revalorização do espaço e do encontro físicos, uma característica ainda presente nas cidades com clara demarcação de lugares conforme as diferenças de classe e de grupo:

> DaniloTeclas
> O rei das cocadas! RT @janalobo aquele cara caolho q vende cocadas nos bares e sinais!! tamarindo, maracujá,leite moça... #grifesvivasthe

> anaceciliacasm
> @Ostiga não sei se já lembraram por aqui, mas acabei de ver uma "grife": TADEU FLAMENGO é totalmente #grifesvivasthe

Cenas

Uma categoria que reflete bem a valorização das lembranças dos participantes são as cenas. Diversos shows e eventos são citados como memoráveis. Muitas cenas podem ter sido compartilhadas por um grupo específico, que esteve presente nesses eventos, sendo o *Twitter* utilizado, inclusive, para tentar identificar essas pessoas:

> arlennio
> êta essa foi boa! boas recordações RT @dssynha2 Banda Bali no +1!! #grifesvivasthe

> salomaoprado
> - E quem ai lembra da Famosa Chegada do Papai Noel no Teresina Shopping?Da chave gigante que ele recebia de uma criança... #grifesvivasthe

Ao utilizar-se uma rede social que facilita a interação e difusão das informações postadas, há um desejo de reconstrução das experiências pessoais e de que essas histórias ajudem a compor a identidade da cidade. As lembranças de infância também foram utilizadas para a construção de uma memória coletiva:

> suzanacastello
> arrastar a bunda no chão em cima de um papelão pra descer as ladeiras do monte castelo #grifesvivasthe
>
> t_ibiapina
> ir tomar aquele sorvete no elefantinho/sorvetão (hj em dia pura fruta)! #grifesvivasthe

Nesses casos, há também a valorização dos cenários onde ocorreram as interações físicas dos usuários, as quais são reproduzidas no espaço virtual. Percebe-se, ainda, que os dois participantes mencionados lembram-se de cenas e compartilham-nas com outros grupos, produzindo ancoragens específicas conforme a seletividade da memória dos membros de cada grupo em particular.

A característica de seleção da memória pode ser verificada também quando os participantes citam alguma cena, mas não a contam detalhadamente, seja por não lembrá-la completamente ou por não terem participado dela. Assim, implicitamente os sujeitos recorrem a outros depoimentos para ativar a memória e construí-la coletivamente, num exemplo típico de projeção:

> Ostiga
> O meteoro que, supostamente, caiu em THE e os bafafás que gerou. #grifesvivasthe
>
> jailson1981
> se não me engano foi uma peça que caiu de um caminhão, fazendo com que a polícia interditasse as ruas. #grifesvivasthe

Além da seleção, a rede social gerou uma pulverização de lembranças individuais. Porém, através do compartilhamento dessas lembranças entre os participantes, essa rede social reforça a ideia de que a "memória é um fenômeno construído social e individualmente." (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, a rememoração de cenas de Teresina não é motivada apenas pelas experiências pessoais. O fato de haver um momento do passado, recontado por outras

pessoas ou por livros, permeia o imaginário popular e faz com que seja lembrado por quem não viveu o contexto da época.

> Ostiga W.
> A faixa "Maranhenses, bem vindos a Guadalajara" na copa de 70, aludindo ao sinal de TV q tinha aqui e depois da ponte, não. #grifesvivasthe
>
> robatta Roberta
> @ @Ostiga essa é antologica, meu pai sempre fala disso! #grifesvivasthe

Apesar desses dois participantes não terem participado do evento citado, eles recorreram à memória de outros indivíduos e quadros sociais (Halbwachs, 1990) para a reconstrução da cena, algo facilitado pela campanha do *Twitter*, num claro acionamento de um mecanismo de transferência.

Cenários

Além das cenas, os cenários também foram reconstruídos através da memória coletiva na tentativa de construção de uma identidade para a cidade de Teresina. Vale ressaltar que muitas vezes essas duas categorias se atravessam, pois um único cenário pode, por exemplo, evocar lembranças pessoais de muitos indivíduos, ou até mesmo daqueles que nunca fizeram parte desse contexto, já que "existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico" (POLLACK, 1992, p. 202). Cenários bastante recordados foram o Mercado da Piçarra, um lugar onde se vende mercadorias populares e onde há diversas barracas com comidas regionais, e a lanchonete do "Seu Cornélio":

> suzanacastello
> tomar caldo depois da cachaçada no mercado da piçarra #grifesvivasthe (eu nunca tomei, mas um monte de gente já)
>
> EdmoCReis
> Tenho pra mim que o Pão de Queijo do Seu Cornélio é a #grifesvivasthe mais mencionada. A cada 15 minutos alguém solta essa! rs

Os espaços públicos, como bairros, avenidas, ruas e praças, também foram lembrados como grifes de Teresina. Mais uma vez percebe-se uma busca pela

valorização do lugar, já que o indivíduo age sobre ele e procura criar relações interpessoais, ao contrário do não-lugar de Marc Augé (2005), que cria individualidades indiferentes.

> Lipe_James
> Quer um esquema da diversidade? Fica sentado nos bancos da Frei Serafim #grifesvivasthe
>
> CancioJr
> Paquerar, à tarde, na Frei Serafim em frente ao Colégio das Irmãs #grifesvivasthe

Os cenários revisitados também são oportunidades para resgatar lembranças incompletas ou buscar lembranças em comum com outros usuários do *Twitter*. A partir do compartilhamento de experiências é possível acionar outras memórias individuais que, quando incitadas, tornam-se coletivas, agregando novos elementos à versão inicialmente evocada.

> SergioMirandaPI
> alguém já postou a Banana-Split da LOBRÁS? era massa!! #grifesvivasthe
>
> AndrosAlmeida
> @SergioMirandaPI Putz, LOBRÁS... De lá me lembro do setor de bombom #grifesvivasthe

Nas mensagens acima, percebe-se que apesar dos usuários terem experimentado um cenário em comum, foi somente com a lembrança do primeiro participante que o seguinte conseguiu recordar a lanchonete Lobrás. A despeito do cenário em comum, cada pessoa lembrou uma característica que achou mais importante, ou que ficou mais presente na memória individual.

Como se percebe pelos exemplos comentados ao longo desse capítulo, no processo interativo em que foi construída a identidade de Teresina durante o Grifes Vivas THE, é impossível separar as diversas categorias antes relacionadas. A explicação para isso reside no fato de que as diversas postagens recuperaram cenas, cenários e personagens de forma interativa. As lembranças evocadas nas mensagens foram se re-configurando e se sobrepondo na medida em que novas mensagens eram postadas. Desta forma, esse jogo interativo deu vazão a uma memória que, tensionada entre o

individual e o coletivo, produziu também um contexto de construção de identidades no qual passado, presente e futuro se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não - lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 graus editora, 2005.

BLOCH, Marc. Memória coletiva, tradição e costume: a propósito de um livro recente. In: BLOCH, Marc. *Histórias e historiadores:* textos reunidos por Étienne Bloch. Editorial Teorema, 1998.

ENNE, Ana Lucia. TAVARES, Cristiane. *Memória, identidade e discurso midiático:* uma revisão bibliográfica. Disponível em: www.castelobranco.br/sistema/novoenfoque/files/01/memoria2.doc >. Acesso em 2 julho 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência:* o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: Brasil, 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

Websites

CIDADE VERDE. *História de Teresina domina twitter do Brasil:* entenda as grifesvivasthe. 2011. Disponível em: <http://www.cidadeverde.com/historia-de-teresina-domina-twitter-do-brasil-entenda-as-grifesvivasthe-75651> Acesso em 11 abril 2011.

PORTAL O DIA. *Teresina vira um dos assuntos de maior destaque no twitter Brasil.* 2011. Disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/tecnologia/teresina-vira-um-dos-assuntos-de-maior-destaque-no-twitter-brasil-105946.html>. Acesso em 11 abril 2011.